



ISSN 1984-5634

EXPERIÊNCIAS E ESTRATÉGIAS PLURAIS DE RESISTIR NO COMBATE AO EPISTEMICÍDIO: AS MULHERES NEGRAS CARNAVALESCAS NO MOVIMENTAR DA VIDA NO SUL DO BRASIL

Plural experiences and strategies to resist in the fight against epistemicide: black carnival women in the "moving" of life in southern Brazil

CAROL LIMA DE CARVALHO¹

RESUMO

O presente artigo tem o intuito de apresentar reflexões sobre experiências, práticas e estratégias de mulheres negras nas cenas carnavalescas na cidade de Florianópolis/SC entre 1970 e 2022. Para resistir e (re)existir na capital catarinense, a população negra naquele contexto lutava contra o racismo, preconceito e discriminação. No entanto, na escrita da história do carnaval de Florianópolis é possível identificar uma ausência na presença das mulheres negras neste processo, resultado do processo violento de epistemicídio. A pesquisa, a partir da metodologia de interseccionalidade, apresenta por meio de entrevistas, audiovisual e sambas-enredos ponderações sobre a historiografia catarinense, as experiências de mulheres negras na formação de espaços sociais e culturais e uma proposta de construção de narrativas contra hegemônicas. Por fim, a pesquisa insere-se no campo dos estudos pós-coloniais e decoloniais, apontando nas trajetórias a importância da ancestralidade, decolonialidade de corpos e tradição oral.

PALAVRAS-CHAVE: mulheres negras; carnaval; Florianópolis/SC.

ABSTRACT

This article aims to present reflections on the experiences, practices and strategies of black women in carnival scenes in the city of Florianópolis/SC between the 1970s and 2022. To resist and (re)exist in the capital of Santa Catarina, the black population in that context he fought against racism, prejudice and discrimination. However, in the writing of the history of the Florianópolis carnival it is possible to identify an absence in the presence of black women in this process, a result of the violent process of epistemicide. The research, based on the methodology of intersectionality, presents, through interviews, audiovisuals and samba-plots, considerations on the historiography of Santa Catarina, the experiences of black women in the formation of social and cultural spaces and a proposal for the construction of counter-hegemonic narratives. Finally, the research falls within the field of post-colonial and decolonial studies, pointing out in the trajectories the importance of ancestry, decoloniality of bodies and oral tradition.

KEYWORDS: black women; carnival; Florianópolis/SC

EDITORA-CHEFE:

Elisa Schneider Venzon

EDITOR-GERENTE:

Leandro Ferreira Souza

SUBMETIDO: 27/07/2023

ACEITO: 13/11/2023

COMO CITAR:

CARVALHO, C. L. de.
Experiências e estratégias plurais de resistir no combate ao epistemicídio: as mulheres negras carnavalescas no movimentar da vida no sul do Brasil. *Aedos*, Porto Alegre, v. 16, n. 35, p. 222-244, dez.-mar. 2024.

<https://seer.ufrgs.br/aedos/>

¹ Doutoranda em História do Tempo Presente no PPGH na Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6834838183655202>. ORCID: 0000-0003-0734-2831.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS: COMISSÃO DE FRENTE²

Os escritos que seguem são estruturados da seguinte forma: imaginem este texto como um desfile de escola de samba, não apenas o grande momento, mas também os processos até sua chegada. Temos a carnavalesca que organiza as alas, alegorias e adereços da escola a partir do enredo³ e aqui, quem ocupa este papel, sou eu, mulher, negra, nascida em Florianópolis, historiadora e pesquisadora. Inspirada no enredo sobre as identificações e análises das participações e protagonismos de mulheres negras nos carnavais das escolas de samba da capital catarinense, desenvolvo este artigo. Considerando uma historiografia que enfatiza um cenário hegemônico e que fortalece o epistemicídio, a intenção, portanto, é viabilizar as experiências, práticas e estratégias de mulheres negras dentro do carnaval, em especial, nas escolas de samba da cidade de Florianópolis/SC, a fim de construir narrativas plurais sobre a escrita da história no sul do Brasil.

Neste caminhar, é importante pontuar que, nos pensamentos colocados neste texto, é muito marcante a presença de bell hooks⁴ (2017). A autora nos apresenta a possibilidade de visualizar as experiências, práticas e estratégias vividas pela população negra, entendendo que as mulheres e demais sujeitos até então invisibilizados podem construir jornadas teóricas, pois estas vão curar e serão revolucionárias, e alterar cenários violentos. Neste sentido, assim como as mulheres negras que me antecederam e aquelas que estão por vir, o propósito é dialogar com todas considerando as dinâmicas culturais e sociais, proporcionando elementos de uma não dissociação da teoria e prática e evidenciando, assim, “a formulação de uma teoria a partir da experiência vivida” (hooks, 2017, p. 103) nos carnavais da capital catarinense.

Aproveito ainda para dar continuidade ao desfile deste texto e, já compreendendo que a carnavalesca conduz a produção desta apresentação, é importante evidenciar os meus pertencimentos na construção desta pesquisa, além de expor também a figura importante de presidenta da agremiação. Eu sou tataraneta, bisneta, neta, filha e irmã de mulheres negras que proporcionaram mudanças na educação e cultura da cidade: todas lutaram, e ainda lutam, por direitos e equidade para a população negra. O que quero destacar neste momento é a atuação da minha bisavó, Jesuína Adelaide dos Santos (*in memoriam*), mais conhecida como dona Geninha, nascida em 1920 na cidade de Florianópolis, no bairro da Freguesia do Ribeirão da Ilha localizado no sul da cidade. Filha, mãe, avó, bisavó e tataravó, construiu uma família que hoje busca evidenciar seus ensinamentos e reivindicar sua presença na historiografia catarinense, sobretudo no que se

² Comissão de frente do nosso desfile.

³ Enredo é o material escrito por componentes da escola de samba, a sinopse da história que será contada na avenida. A partir dele a escola se organiza com o samba enredo, as apresentações, as coreografias, as fantasias, alegorias e adereços.

⁴ Filósofa, professora universitária, escritora e ativista.

refere a Florianópolis destacando o fato de ter fundado e presidido uma escola chamada Império do Samba⁵. Na conjuntura em que viveu, estar nesse lugar era revolucionário; pensando bem, não apenas naquele período, mas hoje também - ela é a presidenta da minha escola de samba e é com ela que escrevo este texto.



*Figura 1. Dona Geninha aos 80 anos.
Fonte: acervo familiar da autora (2000).*

A fotografia acima (figura 1) refere-se à festa de aniversário de 80 anos de dona Geninha, nos anos 2000. Ela estava acompanhada da família e de amigos, e esse registro foi no momento em que estavam cantando parabéns. É emblemático utilizar essa imagem, pois ela está de braços abertos e sentimos ser um convite para conhecer um pouco mais sobre sua história; na verdade, não apenas a sua, mas as de tantas outras que vieram depois dela e que possibilitaram dar continuidade ao seu legado dentro das escolas de samba. Assim, seguindo nosso desfile, vale destacar que ele está embalado por um samba enredo⁶, cantado nas vozes das intérpretes acompanhadas pelo pulsar da bateria. Ao som do samba intitulado *História dos Antigos carnavais* (1980), o anseio é homenagear a Império do Samba que, naquele ano, foi campeã do carnaval na cidade. Para sentirem comigo, apresento o verso deste samba que aprendi com minha mãe:

É a história dos antigos carnavais,
O império do samba vai desfilar,
O zé pereira que passar por mim,
Na onda do Dim dim dim estão em nosso carnaval
O Dim dim dim dim o Império vai desfilar... (Império do Samba, 1980)

⁵ A Império do Samba, mais conhecida como a “Escola da dona Geninha”, fundada em 15 de agosto de 1971, na comunidade do Estreito, bairro localizado na região continental da cidade de Florianópolis, foi campeã em 1980 com o enredo “História dos Antigos Carnavais” e fez seu último desfile em 1989.

⁶ O samba enredo é a música cantada pelos intérpretes e componentes das escolas de samba; ele tem relação com o enredo e a bateria. Além disso, é fundamental para a condução do desfile.

O samba enredo acima foi escolhido por ter marcado a história da Império do Samba e por simbolizar a vitória no campeonato. Assim como este artigo, ele embala muitos momentos, inclusive aqueles em que a família estava reunida. Por anos foi repertório principal nos almoços e cafés das tardes de domingo na casa de minha avó Ada Jesuína dos Santos, mulher negra, nascida em 1940, na costeira do Ribeirão da Ilha, também localizada ao sul da cidade. Ela era filha de dona Geninha e foi a primeira porta-estandarte da cidade, após vencer um concurso no baile municipal⁷ (figura 2). Dona Ada falava sobre este momento com muita alegria e orgulho, pois naquele contexto, estar nesse espaço era um desafio – que ela superou e alcançou, marcando a presença de mulheres negras nesses espaços.



Figura 2. Dona Ada no Baile Municipal no carnaval de 1969. Fonte: acervo familiar da autora.

No caminhar deste desfile, apresento minhas matriarcas e aquilo que marca suas trajetórias, assim como a maneira que estes aspectos, isto é, a escola Império do Samba, as mulheres negras que a compõem e suas trajetórias, bem como de tantas outras que as sucederam, conduzem o texto. O contexto do estudo, a problemática e o percurso dessa pesquisa estão vinculados a uma necessidade de alterar cenários hegemônicos na escrita da história sobre a produção de conhecimento por e a partir das mulheres negras dentro das escolas de samba em Florianópolis.

⁷ Os bailes municipais de Florianópolis aconteciam no Clube Doze de Agosto, na região central, atualmente considerado o clube mais antigo da cidade pois “fundado há 144 anos, emergiu durante o Império, quando Florianópolis ainda se chamava Desterro” (DAMIÃO, 2016, p. 1). Os bailes abriam o Carnaval florianopolitano, aconteciam nas quartas-feiras de carnaval, tinha desfiles de fantasias, concursos e festas de debutantes. Este espaço era frequentado por pessoas brancas e não era permitida a entrada de pessoas negras, a não ser em concursos.

Alguns escritos evidenciam aspectos sobre o carnaval no Brasil e na cidade de Florianópolis, como por exemplo o autor Fonseca (2019), que produziu uma dissertação de mestrado em História, e o autor Rezende (2017), que escreveu uma dissertação de mestrado em Comunicação. Ambos buscaram evidenciar a presença negra nesses processos e visaram analisar as narrativas construídas sobre o continente africano e sobre o negro que têm sido colocadas em evidência nos enredos de escola de samba da cidade do Rio de Janeiro. Já o autor Silva (2016) aponta em seu artigo a trajetória de uma escola de samba de São Paulo, Nenê de Vila Matilde, pensando na escolha de seus temas de performances, se os motivos e inspirações são coletivos ou individuais. Alguns estudos são direcionados ao sul do Brasil, a exemplo de Duarte (2013), que tem escritos voltados para a produção carnavalesca em Porto Alegre, focando na etnografia das escolas de samba e contextualizando as formações sócio-históricas da festa. Além disso, Leite (2017) propôs uma discussão sobre as escolas de samba de Florianópolis na década de 1990, colocando-as como manifestações das camadas populares e que se inserem no mercado de bens simbólicos, analisando também os discursos televisivos.

Nessa conjuntura, é possível trazer as discussões realizadas em torno da ideia de racismo e o carnaval, concepções estas que também estão atreladas à ideia de construção e desconstrução de identidades/identificações étnico-raciais. O autor Moraes (2018) buscou identificar, na sua dissertação em História, a presença negra nos carnavais de Recife no início do século XX; compreendendo suas dinâmicas individuais e coletivas, articulou com questões a respeito do Estado autoritário e os impactos do racismo nos universos carnavalescos.

Ampliando essas concepções, Queiroz (2010) aponta, em sua tese em História, uma discussão em torno dos aspectos políticos e o carnaval. Pensando no entrecruzamento da militância política negra e as manifestações carnavalescas no Recife entre os anos de 1979 e 1995, a intenção foi compreender como o movimento negro se mobilizou em torno na luta para garantir que seus discursos estivessem evidenciados nas cenas carnavalescas. A respeito das identidades e identificações, Silva (2001) desenvolve uma pesquisa sobre Movimento Negro Unificado (MNU) e o Ilê Aiyê, analisando práticas e discursos destas organizações para a construção de identidades da população negra em Salvador entre os anos de 1974 e 2001 e destacando a relação entre política e cultura (importa afirmar ainda que os discursos encontrados visavam o combate ao racismo).

Assim, nesse universo, também aponto para a relação das mulheres negras e o carnaval no Brasil. Souza (2017) e Silva (2018), respectivamente autoras de uma dissertação na área da educação e um artigo, se referem a algumas especificidades a respeito do assunto. Inicialmente, observa-se que as produções com esta discussão são recentes e que há dificuldade para encontrá-las, uma vez que existe um cenário que invisibiliza as presenças e protagonismos das mulheres negras no universo cultural do carnaval, assim como em diversos outros processos históricos. Os escritos de

Silva (2018) apontam percalços da pesquisa e destacam as limitações dos registros e da historiografia que abordam os momentos carnavalescos de São Paulo entre os anos 1921 e 1967; além disso, a autora analisa a participação das mulheres negras no carnaval da cidade, considerando alguns atravessamentos, como as questões de gênero. Em convergência a essas concepções, Souza (2017) constrói reflexões sobre os processos de construção e afirmação identitária de mulheres negras no bloco Afro Akomabu do Centro de Cultura Negra do Maranhão.

Considerando os trabalhos apresentados e a importância de produzir conhecimento sobre mulheres negras em Florianópolis e as escolas de samba, pois nenhum deles faz este recorte específico, encontra-se a minha pesquisa com a seguinte problemática: quais as evidências que aparecem nas memórias das mulheres negras sobre o carnaval e as escolas de samba em Florianópolis? A intenção é construir narrativas históricas que evidenciem seus modos de ser, sentir, estar e ver o mundo de maneira plural, contribuindo para produções de conhecimentos sobre o universo carnavalesco e o pensamento de mulheres negras no Brasil.

Para este artigo, fizemos um recorte da pesquisa em desenvolvimento que, por meio de entrevistas, audiovisuais e sambas-enredos, e tendo a interseccionalidade como ferramenta analítica e metodológica para a construção da narrativa, objetiva evidenciar o modo como a sociedade brasileira foi estruturada a partir das violências oriundas de processos históricos como a escravidão e o colonialismo, por exemplo, e discutir, também, como essas violências resultam em uma historiografia hegemônica. Além disso, abordo também como as mulheres negras se colocam em movimento no carnaval para alterar este cenário violento: afinal, são corpos políticos do conhecimento que buscam estratégias de (re)existência, entrelaçadas com a cultura carnavalesca e com a luta para combate às discriminações.

ALEGORIA⁸ 1 – O RETORNO À CATÁSTROFE: PROCESSOS HISTÓRICOS, HISTORIOGRAFIA E O EPISTEMICÍDIO

A primeira alegoria chama-se “O retorno à catástrofe: processos históricos e o epistemicídio” e pretende situar telespectadoras/es de conjunturas históricas e a importância de alterar cenários violentos. O título da alegoria se refere a uma reflexão de Sueli Carneiro (2005), uma feminista, ativista, pensadora, escritora, filósofa e doutora em Educação, no ponto em que ela destaca a necessidade de retornarmos (no sentido figurado) à escravidão, processo que tem a ideia de raça como base, para compreendermos algumas estruturas da sociedade brasileira. No terceiro capítulo (“Do epistemicídio”) do seu trabalho de doutorado em Educação, intitulado *A Construção do Outro*

⁸ Aqui faz-se referência à organização da escola de samba, a alegoria representa os carros alegóricos que abrem o tema de cada parte do desfile, atrás deles tem as alas.

como *Não-Ser como fundamento do Ser* e defendido no ano de 2005 na Universidade de São Paulo (USP), ela coroa uma trajetória e apresenta uma reflexão teórica em torno dos impactos da escravidão no Brasil. Para isso, utiliza o conceito de dispositivo de Michel Foucault, que estuda a sociedade e como ela se transforma ao longo do tempo, ao que Carneiro (2005) adiciona que, para entender isso, é preciso retomar a maior catástrofe: a escravidão, somada às questões patriarcais e suas estruturas violentas. Além do conceito de dispositivos, ela pontua o de biopoder, questão que “permite ao Estado decidir quem deve morrer e quem deve viver. O racismo seria, de acordo com Foucault, um elemento essencial para fazer essa escolha” (CARNEIRO, 2011, p. 134). Desse modo, em diálogo com Foucault, ela amplia esses conceitos e pensa “nas filosofias dos dispositivos, além da tecnologia do biopoder, para discutir os processos de disciplinarização e/ou extermínio e exclusão dos negros no Brasil” (CARNEIRO, 2011, p. 81).

Carneiro (2005) pensa as relações raciais no Brasil, construindo o conceito de dispositivo de racialidade/biopoder, evidenciando aspectos do Contrato Racial (que define as funções do sistema) e o mecanismo que deles emerge, intitulado epistemicídio. Ao tratar sobre epistemicídio, no capítulo três, a autora traz concepções sobre os processos de negação dos negros como sujeitos de conhecimento, também o processo de destituição da racionalidade, da cultura e da civilização do “Outro”. O texto também discute o papel que a educação desempenha na medida em que reproduz saberes, poderes e subjetividades, trazendo assim as destruições causadas pelos dispositivos de racialidade/biopoder. Ainda sobre o processo de invisibilização do sujeito negro na produção de conhecimento, Carneiro destaca que o epistemicídio é marcado “por mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da autoestima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo” (CARNEIRO, 2005, p. 97).

Nesse caminhar, Grosfoguel (2016), sociólogo porto-riquenho que pertence ao Grupo de estudos de Modernidade/Colonialidade e é Professor Titular de Estudos Chicano/Latinos no Departamento de Estudos Étnicos da Universidade da Califórnia, tem escritos fundamentais. Em seu texto *A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI*, publicado na revista *Sociedade e Estado* em 2016, analisa casos como

o genocídio/epistemicídio contra muçulmanos e judeus na conquista de Al-Andalus, contra povos nativos na conquista das Américas, contra povos africanos na conquista da África e a escravização dos mesmos nas Américas e, finalmente, contra as mulheres europeias queimadas vivas acusadas de bruxaria. (GROSFOGUEL, 2016, p. 25)

Assim, o autor defende que a estrutura das produções de conhecimento ocidentais nas universidades foi construída a partir desses casos de genocídios e epistemicídios. Segundo

Grosfoguel, esta dinâmica gera problemas: ele aponta a existência do privilégio branco em detrimento das demais formas de produzir conhecimento, algo que resulta em violências, e destaca que

o privilégio epistêmico dos homens ocidentais sobre o conhecimento produzido por outros corpos políticos e geopolíticas do conhecimento tem gerado não somente injustiça cognitiva, senão que tem sido um dos mecanismos usados para privilegiar projetos imperiais/coloniais/patriarcais no mundo. (GROSFOGUEL, 2016, p. 25)

Com uma estrutura oriunda do racismo e do sexismo, esses problemas acabam por desqualificar conhecimentos e vozes, pois “a pretensão é que o conhecimento produzido por homens tenha o mágico efeito de apresentar uma capacidade universal: suas teorias são supostamente suficientes para explicar as realidades sócio-históricas do restante do mundo” (GROSFOGUEL, 2016, p. 27). Assim, colocam como universal um conhecimento que considera apenas uma experiência de ver, sentir e pensar o mundo, inviabilizando histórias, narrativas e culturas plurais. Segundo Silvio Almeida, esse anseio de pessoas brancas(os) de que seus conhecimentos sejam universais, considerando-se os civilizados e humanos, resultou no “processo de destruição e morte, de espoliação e aviltamento, feito em nome da razão e a que se denominou colonialismo” (2019, p. 26).

Desse modo, a dinâmica de tornar conhecimentos universais e desqualificar os demais é oriunda da violência da escravidão, bem como do processo histórico chamado colonialismo. Aimé Césaire, em *O discurso sobre o Colonialismo*, coloca que a “essência do colonialismo é o regime de exploração desenfreada de imensas massas humanas que têm sua origem na violência e só se sustenta pela violência. [...] sendo o genocídio a forma de lógica normal, colonialismo é portador do racismo” (1978, p. 7). E mais, devido a esse contexto, o autor destaca que a “Europa tem contas a prestar perante a comunidade humana pela maior pilha de cadáveres da história” (CESAIRE, 1978, p. 28). Se o colonialismo é sinônimo de coisificação, a Europa precisa olhar para si mesma e questionar sua decadência do posto de vista do humano.

As violências apresentadas, como a escravidão e o colonialismo que resultam no epistemicídio e no genocídio das populações negras, tem o racismo como base - é a ideia de raça que inferioriza e desumaniza. Além do racismo, importa destacar a violência de gênero, já que as mulheres negras sofrem duplamente: são atingidas por duas dinâmicas estruturais que se manifestam em diferentes âmbitos da sociedade, inclusive nas próprias escolas de samba e na escrita da história sobre Santa Catarina, Florianópolis e das escolas de samba.

ALEGORIA 2 – AS EXPERIÊNCIAS, PRÁTICAS E ESTRATÉGIAS DE MULHERES NEGRAS CARNAVALESCAS NA CIDADE DE FLORIANÓPOLIS

A alegoria 2 tem a intenção de apresentar as presenças, os protagonismos e as possibilidades de construção de narrativas plurais sobre e por mulheres negras carnavalescas. A questão é enfatizar que, a partir dessas memórias e histórias, podemos romper com o epistemicídio e as ausências na historiografia.

Para iniciarmos, apresentarei alguns trechos de entrevistas. Estas nos apontam para presenças e protagonismos de mulheres negras nas escolas de samba, além de reflexões sobre a produção de conhecimento. Dito isso, em dezembro de 2021, conversei com Tânia Ramos, na ocasião com 57 anos, moradora da comunidade Coloninha, situada na região continental da cidade Florianópolis; ela compõe a escola de samba Sociedade Recreativa e Cultural Unidos da Coloninha⁹ e atualmente também é a primeira vereadora negra da cidade de Florianópolis.



Figura 3. Tânia Ramos no ensaio técnico da Unidos da Coloninha em 2023. Fonte: Valenga (2023).

Quando conversávamos sobre a construção da escola de samba nos tempos de sua adolescência, ela conta que “as mulheres faziam samba, mas quem gravava era o tio, o primo, o sobrinho, porque tinha mais chance de vencer o samba, de concorrer o samba, né?” (RAMOS, 2021). Ao expor essa situação e a ideia de colocarem homens em destaque demonstra que, embora a sua presença seja marcante, as mulheres passaram e ainda passam por dificuldades para protagonizarem a organização das escolas de samba, situação oriunda do sexismo e machismo. Por isso, é preciso transformação e a sua presença marca esse movimentar: ela foi vice-presidente da escola, propôs melhorias e mudanças para a agremiação e hoje, ocupando o espaço da velha guarda, ela reivindica

⁹ A Sociedade Recreativa e Cultural Unidos da Coloninha é uma entidade sem fins lucrativos, fundada em 10 de janeiro de 1962, localizada na Rua Tupinambá, 475, Bairro Coloninha – Florianópolis/SC. Foi constituída a partir do surgimento de um animado bloco carnavalesco, que divertia os moradores nos arredores do bairro. Popularmente conhecida como Coloninha, a escola tem por objetivo promover a cultura, a assistência social, o voluntariado, promover a valorização da cultura através de ações sociais, culturais, esportivas e civis de entretenimento.

o respeito ao carnaval da cidade e solicita que reconheçam a importância dessa arte e dessa cultura. Assim, por onde percorre, busca construir histórias e narrativas plurais na cena carnavalesca.

Outra protagonista que destaca a sua luta dentro das escolas de samba é Maria Eduarda Gabriel, mais conhecida como Duda - mulher, jovem, negra, com 21 anos no momento em que conversamos (também em dezembro de 2021), nascida em Florianópolis, crescida na região central e também em São José, no bairro Ipiranga, graduanda do curso de biomedicina e empresária; além disso, ela compõe a escola de samba Grêmio Cultural Esportivo e Recreativo Escola de Samba Os Protegidos da Princesa¹⁰. Atualmente a rainha da escola, afirma que

É uma luta. É uma luta, mas é uma luta que no final vale muito a pena porque é o nosso espaço de protagonista. Eu sou protagonista dessa história, desse ambiente [...]. Então, a gente tá ali pra fortalecer. Fortalecimento, existência. É isso, assim, é muito forte isso pra gente, né? Não é só o samba no pé, [...]. É o nosso lugar é ali. (GABRIEL, 2021)

Duda, ao ser questionada sobre o significado de ser mulher negra atuando nas escolas de samba na capital catarinense, relata o exposto acima: é uma luta, um protagonismo que não deve ser ignorado pois este universo cultural é da população negra e representa a força da ancestralidade para além do samba no pé. É um lugar de pertencimento. Esta fala permite que façamos algumas reflexões: uma delas é que o carnaval e as escolas de samba são espaços de produção de conhecimento, e a segunda, é que estes são construídos pela presença e protagonismo das mulheres negras.



Figura 4. Maria Eduarda Gabriel (Duda) aos 21 anos. **Fonte:** Redes sociais de Duda (2021).

¹⁰ “O Grêmio Cultural Esportivo e Recreativo Escola de Samba Os Protegidos da Princesa, fundado no ano de 1948 na comunidade do Morro do Mocotó, é a mais antiga escola de carnaval de Florianópolis. É conhecida como Protegidos e tem o título de mais vezes campeã dos carnavais do Brasil.” (OS PROTEGIDOS..., c2023)

As fotografias acima demonstram os universos aos quais a Duda pertence - de rainha de escola de samba à empresária no ramo da beleza e estética negra. Ela conta também sua trajetória no carnaval:

Eu tô no carnaval desde os meus dois anos, desde sempre brinquei e é algo nosso, é algo meu, não tem como fugir disso, né? Então, minha família é envolvida, conheço bem, tô ali pra representar esse nosso sangue, nosso amor. E é isso, assim, é nossa vivência, não tem como a gente escapar. (GABRIEL, 2021)

Relato que revela o seu amor, construção de identidades e pertencimentos dentro da escola, que é um espaço importante para as mulheres. Quando conversamos também sobre o envolvimento com a escola de samba, Tânia Ramos afirmou ser “[...] Fiel fazendo da escola de samba e da minha comunidade a extensão da minha casa” (RAMOS, 2021). Da mesma forma, apresentando a ligação entre a Unidos da Coloninha e sua existência como algo muito lindo, destaca: “eu e Coloninha, minha família e Coloninha, então é muito família, a gente conhece todo mundo dentro da escola e eu me sinto da família da comunidade da Coloninha” (RAMOS, 2021). Estas falas demonstram suas presenças nos espaços e trazem, desse modo, a pluralidade de seus modos de estar, pensar e ser no mundo, que lhes são fundamentais.

Apresento neste texto também a Patrícia Fonttine e, na ocasião que conversamos ela tinha 29 anos, mulher, negra, trans, nascida no Amazonas e há cinco anos moradora do bairro Jardim Atlântico, na área continental de Florianópolis; além disso, compõe a escola de samba Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Dascuia¹¹ e ocupa a posição de primeira musa trans da escola.



Figura 5. Patrícia Fonttine aos 29 anos. **Fonte:** Redes sociais de Patrícia (2022).

¹¹ “Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Dascuia (ou simplesmente Dascuia) é uma escola de samba brasileira da cidade de Florianópolis, Santa Catarina. Seu nome é uma homenagem a Altamiro José dos Anjos, o Dascuia, figura famosa do Carnaval de Florianópolis, e tem como cores o verde e rosa. Fundada em 2004 como um bloco de sujos, virou escola de samba em 2011, disputando o grupo de acesso em 2012 e subindo para o Grupo Especial em 2013, onde está até hoje. Sediada no Morro do Céu, no Maciço do Morro da Cruz” (DASCUIA, s. d.).

A história da Patrícia nos auxilia a compreender a importância de viabilizar modos plurais de sentir, pensar e ser no mundo, neste caso, no universo cultural do carnaval. A partir da sua existência dentro da escola, podemos discutir a articulação entre raça, classe, gênero, sexualidade e cultura, além de construirmos um movimento de mulheres livre das violências do colonialismo e do epistemicídio, considerando a multiplicidade do ser. As escolas de samba são espaços que produzem conhecimento e nela existem estes corpos e as possibilidades de combate às discriminações. Ainda há muitos desafios, sem dúvidas, mas presença de Patrícia reivindica a visibilidade de mulheres trans e também pede que a comunidade LGBT seja reconhecida, pois ela sempre esteve, e ainda está, nesse universo cultural do carnaval.

Diante dessas trajetórias, é possível destacarmos a interseccionalidade como ferramenta analítica e também a importância dos feminismos nesse movimentar de mulheres negras, pensando assim a escrita da história com narrativas contra-hegemônicas. De acordo com Sirma Bilge e Patrícia Hill Collins (2021), no livro intitulado *Interseccionalidade*, é possível apontar múltiplos significados para este conceito. As referências teóricas mobilizadas ali são de intelectuais que ampliam as concepções que envolvem a interseccionalidade em diferentes âmbitos: dentre escritoras/es e professoras/es de diferentes áreas, destaco as/os autoras/es Angela Davis, Alice Walker, bell hooks, Kimberlé Crenshaw, Conceição Evaristo, Paul Gilroy, Stuart Hall, Anne McClintock e Paulo Freire. O livro aprofunda, portanto, argumentos e conclusões em um âmbito global sobre a interseccionalidade. Enfatizam que o uso da noção pode ser no campo acadêmico, militante, profissional e ativista, uma vez que todos esses espaços reconhecem que a interseccionalidade é uma forma de compreender as experiências humanas e suas complexidades. A ideia dos seus escritos, portanto, é destacar a heterogeneidade do significado e o uso do conceito, trazendo a própria interseccionalidade como ferramenta analítica, como fruto das dinâmicas dos movimentos sociais, em especial das feministas negras, uma vez que eles articularam as ideias de raça, classe, gênero, sexualidade, religião e cidadania, ao pôr em cheque problemas sociais. A interseccionalidade envolvida por investigação e práxis crítica auxilia na busca por um mundo mais equânime e livre de violências.

Neste viés, o feminismo negro foi fundamental (embora as protagonistas dessa pesquisa não tenham se colocado como feministas) para trazer a importância da luta de mulheres negras pela equidade de direitos. A autora Yuderkys Espinosa Miñoso¹², uma mulher nascida em Santo Domingo, na República Dominicana, e uma das grandes vozes nos estudos do Feminismo

¹² Estudou na argentina e atualmente vive na Colômbia, membra do Grupo Latinoamericano de Estudio, Formación y Acción Feminista (GLEFAS). Escritora, docente, pesquisadora e ativista comprometida com a luta antirracista, antisexistista e decolonial, Yuderkys Miñoso é uma grande referência para pensarmos outras perspectivas desviando da “colonialidade da razão feminista”, categoria levantada por ela.

Decolonial, contempla-nos com um texto intitulado *Etnocentrismo y colonialidad en los feminismos latinoamericanos: complicidades y consolidación de las hegemonías feministas en el espacio transnacional*, publicado no ano de 2009 na *Revista Venezolana de Estudios de La Mujer*, a partir de Spivak e Mohanty. A autora pretende avançar nos estudos sobre crítica à colonização discursiva dos feminismos ocidentais. A intenção do texto é avançar nas hipóteses sobre a construção do feminismo latino-americano dentro dos contextos pós-coloniais. Além disso, traz as dificuldades e os obstáculos para a produção de um pensamento e uma práxis que reconheça os danos causados pelo colonialismo que afetam diretamente o tema “feminismo”; e pensa, por fim, nas urgências políticas deste. Suas considerações, críticas e reflexões nos conduzem a crer que se deve romper com a colonização do discurso e o privilégio epistêmico, priorizando feminismos que levem em consideração as pluralidades e que seja anticolonialista, antirracista e anticolonial. Esta é uma proposta de feminismo decolonial. Nesse sentido, podemos entender que as mulheres do carnaval de Florianópolis apresentadas nos proporcionam colocar em evidência na historiografia a perspectiva de feminismo decolonial.

Além disso, considerar esses relatos e a possibilidade de construirmos jornadas teóricas a partir deles tem como fundamento, mais uma vez, as ideias de bell hooks, que pontua que não se deve separar teoria da prática e entende que a teoria é cura – autorrecuperação e libertação coletiva. Uma capacita a outra. hooks evidencia a importância de um trabalho intelectual, da produção teórica como prática social que pode ser libertadora, concepção que está em diálogo com Paulo Freire. A autora também destaca os problemas do anti-intelectualismo e a necessidade do meio acadêmico de alterar os cenários hegemônicos; para tanto, não basta apresentar os modos pelos quais a teoria é mal-usada (seu uso conservador e reacionário, por exemplo), mas trabalhar ativamente para a difusão da importância de criar teorias capazes de promover movimentos feministas renovados. A crítica à academia (e o modo como ela deve ser conduzida) também é apresentada por Grosfoguel. Ele sugere a categoria de transmodernidade, que “implica uma redefinição desses elementos, em diferentes direções, de acordo com a diversidade epistêmica do mundo, em direção a uma multiplicidade de sentidos até um mundo pluriversal” (GROSFOGUEL, 2016, p. 44); além de defender uma decolonização e uma pluriversidade dentro e fora daqueles espaços.

As mulheres negras e as escolas de samba nos auxiliam na busca por estes caminhos. Ao tratar sobre as transformações dentro da universidade, é importante lembrar que este estudo está articulado à minha pesquisa de doutorado intitulada *Narrativas e Memórias de Mulheres Negras: As Escolas de Samba e o Carnaval em Florianópolis (1970-2019)*¹³. O objetivo do estudo é pesquisar a participação e o protagonismo de mulheres negras no carnaval das escolas de samba de

¹³ A orientação deste trabalho é feita pela Prof^a. Dr^a. Cláudia Mortari, professora do curso de História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

Florianópolis, considerando os atravessamentos das dinâmicas culturais, sociais, econômicas e políticas nas suas trajetórias de vida. Além disso, o presente artigo também está fundamentado pelas leituras e discussões realizadas durante o curso de doutorado, principalmente no que se refere aos escritos sobre o epistemicídio, a atuação das mulheres na alteração de cenários hegemônicos e a indissociação entre teoria e prática vivências. Contribuíram para construção, também, os grupos de estudos realizados e as trocas que ocorrem no AYA – Laboratório de Estudos Pós-Coloniais e Decoloniais¹⁴. Desse modo, é uma produção que busca romper com padrões de comportamentos na sociedade, oriundos de processos violentos, ao construir e fortalecer narrativas plurais.

ALEGORIA 3 – AS ESCOLAS DE SAMBA E AS POSSIBILIDADES DE CONSTRUIR NARRATIVAS CONTRA HEGEMÔNICAS: O AUDIOVISUAL E O SAMBA ENREDO QUE NOS TRAZEM REFLEXÕES

Para continuar este desfile, também se faz necessário analisar um audiovisual sobre o desfile técnico da Sociedade Recreativa Cultural e Samba Embaixada Copa Lord, mais conhecida apenas como Embaixada Copa Lord, intitulado *Volta à Praça XV de novembro* e estrelado no Centro da cidade de Florianópolis em 30 de janeiro de 2020. O motivo da escolha por este desfile está associado ao fato de que foi o último carnaval desde o início da pandemia¹⁵ e ele é muito assistido e reproduzido entre o público carnavalesco, e também o desfile de uma das escolas mais antigas da cidade. Além disso, o que chama bastante atenção e o que decidi definir como foco de análise desse trabalho é a ala das passistas. Por ser composta majoritariamente por mulheres negras, pertencentes da comunidade do Morro da Caixa d'água e que trazem neste desfile a representação da escrava Anastácia, foi possível estabelecer paralelos entre as noções de imagem, colonialismo, colonialidade, decolonialidade e narrativas visuais trabalhadas em sala de aula.

A maneira pela qual temos acesso às imagens do desfile é por um vídeo que possui duração de 1 hora, 11 minutos e 43 segundos; ele possui mais de 11 mil visualizações desde sua publicação e está disponibilizado no canal “Samba Floripa” no *Youtube*. A edição de imagem do vídeo é de

¹⁴ “O AYA Laboratório de Estudos Pós-Coloniais e Decoloniais é vinculado ao Departamento de História (DH) e ao Programa de Pós-Graduação em História (PPGH), do Centro de Ciências Humanas e da Educação (FAED) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Constituído em julho de 2016, tem como objetivo promover a produção, circulação e divulgação de conhecimentos a partir dos pressupostos teóricos e práticos do campo pós-colonial, decolonial e afro-diaspórico, com ênfase nas temáticas africanas, afro-diaspóricas e indígenas. Partindo da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão procuramos congregamos professores(as), estudantes de graduação e pós-graduação, ativistas de movimentos sociais e coletivos negros, africanos e indígenas. Tal configuração possibilita trocas de conhecimentos entre pessoas situadas a partir de diferentes espaços geopolíticos e lócus de atuação, possibilitando a produção de epistemologias plurais e de práticas transformadoras no campo das Ciências Humanas” (AYA, s. d.).

¹⁵ A escrita deste texto foi feita em 2023, o primeiro ano de retorno do carnaval de Florianópolis após a pandemia.

Eduardo Serafin¹⁶, proprietário do canal, e o áudio é de Carlos Tonnera, que compõe a equipe. As produções das imagens são destinadas ao público em geral e com a intenção de registrar em áudio e vídeo os ensaios das escolas de samba e dos blocos de Florianópolis. Sendo assim, a função dessa imagem também está relacionada à memória.



Figura 6. Desfile de ensaio técnico volta à praça Embaixada Copa Lord (2020). Fonte: Canal do Youtube “Samba Floripa” (2020).

O desfile analisado é produzido nas circunstâncias de preparativos para o carnaval, ou seja, se caracteriza como ensaio técnico e busca, de uma certa forma, manter a tradição do lugar uma vez que é um dos primeiros trajetos feitos pelas escolas de samba da cidade, atualmente só recebe os ensaios técnicos e os desfiles de alguns blocos da cidade. No ensaio técnico, as escolas têm a oportunidade de organizar alguns segmentos para o desfile; ainda que não usem as mesmas alegorias, adereços e fantasias do desfile oficial, ao mesmo tempo os componentes da Escola conseguem estar mais próximos do público – o que possibilita a vibração, a emoção e, principalmente, a expectativa para o desfile oficial na Passarela do Samba Nego Quirido.

Em 2020, o enredo da Embaixada Copa Lord era “*Bem-Aventurado os que têm fome e sede de justiça. Vilson Groh! O Sacerdote das Comunidades*”. A ideia foi homenagear o padre Vilson Groh, uma personalidade que propôs muitas ações na comunidade do Morro da Caixa d’água, dentre redes de apoio e solidariedade, o Instituto Pe. Vilson Groh e o Centro Cultural Escrava Anastácia. O samba enredo, composto por Celinho da Copa Lord, Rafael Leandro, Marçal Santini e Teco Veloso, expôs a importância do sacerdote para a comunidade, considerando a sua atuação frente às diversas

¹⁶ De acordo com biografia encontrada no endereço online da empresa Estúdio Móvel, cursou licenciatura plena em música na UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina, dedica-se à música há 25 anos, de forma ininterrupta e atua como cantor (tenor) do grupo Cantus Firmus – Música Medieval e Renascentista. Cf: <https://www.estudiomovel.net/about>.

religiões ali presentes e em prol da justiça social. Alguns aspectos gerais do desfile são sua duração – a mesma do vídeo; a dificuldade de estipular o número de pessoas presentes, entre componentes e público; o momento de sua realização, à noite e com apoio da Prefeitura Municipal de Florianópolis (principalmente da segurança pública para organização do trânsito)

A exposição e análise desse desfile, sobretudo da ala das passistas, está relacionada com as concepções de Juliana dos Santos Barbosa, em texto de 2017 intitulado *Semioses do Carnaval: a construção de sentidos no projeto estético-criador de Paulo Barros*. A autora propõe uma discussão sobre o processo criativo do carnavalesco Paulo Barros, considerando o espetáculo a partir dos bastidores e das semioses do carnaval. A partir disso, entende-se que é pertinente, no âmbito deste artigo, pensar no processo de produção de significados das narrativas visuais, acompanhadas de “uma história com início, meio e fim, representada por signos visuais, verbais, sonoros e gestuais” (BARBOSA, 2017, p. 105).

A ala das passistas é composta por mulheres e homens pertencentes às comunidades de cada escola, que apresentam durante a apresentação o samba no pé e podem ter tanto coreografias quanto interação com o público. Embora não seja um quesito avaliado, é uma ala importante para o desenvolvimento do desfile, uma vez que impede fissuras na apresentação da escola após o recuo da bateria e, conseqüentemente, a perda de pontos. No caso do desfile da Embaixada, a ala (no vídeo exposta a partir dos 42 minutos e 43) é composta majoritariamente por mulheres negras e brancas que usam maiôs escuros, salto alto, algumas de pés descalços, correntes e, no caso das mulheres negras, máscara (similar a uma mordaca) para a representação da escrava Anastácia (vinculada ao enredo pela homenagem à Anastácia feita pelo centro cultural apoiado pelo padre Vilson Groh). Os poucos homens brancos e negros, que fazem alusão a capatazes, estão vestindo calça marrom, blusa dourada, sapatilha marrom e chapéu branco com dourado. A partir dessas informações é possível pensar sobre as representações e narrativas visuais do carnaval, assim como as conjunturas históricas que as respaldam.

O uso das indumentárias das componentes da ala, conforme dito anteriormente, simbolizam Anastácia, uma mulher africana escravizada no século XVII e que foi amarrada, amordaçada e violentada durante anos; atualmente, ela é considerada um símbolo feminino de resistência em tempos de escravidão. A escolha dos significados para a representação pode estar vinculada ao que Barbosa (2017) evidencia a respeito do processo criativo do carnavalesco, que “propõe inovações na construção das formas diferenciadas, ele busca conteúdos que estejam no imaginário de todos, dialogando a partir de campos culturais que facilitam a comunicação” (BARBOSA, 2017, p. 109). Desse modo, ao pensarmos na articulação entre o imaginário presente do público e o desfile analisado, a Anastácia foi sentenciada a utilizar uma máscara em que impedia sua fala como punição

por reivindicar o seu corpo e não aceitar ter relações sexuais com um senhor de pessoas escravizadas. Em certa medida, as pessoas que entenderão a referência a esta mulher escravizada são as que conseguem compreender a proposta do enredo. Ao mesmo tempo, é importante ressaltar que a representação de Anastácia nesse desfile transcende sua figura, pois a partir desse símbolo é possível refletir sobre o contexto histórico retratado no desfile da Embaixada e focar na relação entre colonialismo, colonialidade e imagens. Por exemplo, a respeito da máscara (mordança) que Anastácia era obrigada a usar, Grada Kilomba - em *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano* (2019) - irá entendê-la como símbolo de um silenciamento que se converteu em instrumento real do projeto colonial europeu por mais de trezentos anos. Além disso, essa representa o colonialismo como um todo, as políticas sádicas de conquista e dominação e seus regimes brutais de silenciamento dos/as outros e outras. Quando Kilomba questiona, “quem pode falar? O que acontece quando falamos? E sobre o que podemos falar?” (2019, p. 33), lembremos que Anastácia foi impedida de falar, principalmente para assegurar a manutenção de um projeto colonial. Ao visualizar o desfile e as passistas, surpreende o fato de que são apenas as mulheres negras as que usam as máscaras e têm seus sorrisos, cantos e falas impedidos em um momento de alegria e euforia.

Assim, me questionei: o que seria esta narrativa visual? É apenas uma reprodução? Estão reforçando as violências coloniais? No entanto, após reflexão, pensei que a emergência desses questionamentos iniciais pode ser um dos efeitos de um desfile carnavalesco: segundo Barbosa, eles são “espetáculos híbridos, constituídos por diferentes matrizes de linguagem, cuja produção é um contínuo movimento tradutório: um texto vira imagem, que vira som, que se transforma em coreografia” (2017, p. 102). Por hora, não tenho resposta para tais perguntas, mas podemos refletir acerca delas a partir de movimentos, gestos e expressões verificáveis no vídeo.

Os meus questionamentos e percepções iniciais podem estar relacionados também a um olhar resultante do projeto colonial. O autor Cristian Leon, no texto intitulado *Imagem, mídias e telecolonialidade: rumo a uma crítica decolonial dos estudos visuais*, relata sobre as colonialidades do saber, poder e ser, bem como as tecnologias, os discursos, as práticas e os sujeitos aliados às imagens. Ele acredita que os dispositivos visuais estão imersos na lógica da modernidade/colonialidade, com a qual é necessário rompermos, construindo uma perspectiva decolonial para analisar a imagem.

Sendo assim, para ampliar as concepções do desfile a partir de uma perspectiva decolonial e considerando que de fato existem impactos da colonização pelo mundo apresentados por Kilomba (2019), ao mesmo tempo em que também há uma arte política e um corpo que busca romper com essas imagens, busquei um olhar para as mulheres negras daquela ala que transcende a estética. Utilizando a noção de *Aesthesis*, Rolando Vázquez, em entrevista por Miriam Barrera Contreras (*Aesthesis decolonial y los tiempos relacionales*, 2016), traz uma reflexão sobre visualização da

dimensão plural da imagem, a priorização do sentir-pensar, o fortalecimento dos corpos ancorados de memórias e o pensamento dos lugares de experiências das mulheres negras.

Nesta esteira, observei que a coordenadora da ala, a primeira mulher a aparecer na filmagem quando o foco são as passistas e diferente destas, está vestida com uma blusa estilo *cropped* e um short branco com dourado, dois panos amarrados no ombro que chegam aos pés simbolizando uma capa; usa também tranças, brincos grandes, salto alto e a mordança, no pescoço tem um colar grosso, semelhante aos colares utilizados pelo povo Bantu (do qual Anastácia fazia parte). Chama a atenção, ainda, o fato de ela cerrar o punho e erguer para o alto ao se posicionar para a foto e filmagem – gesto que simboliza o poder para o povo preto – e a dança com uso dos braços, semelhante às coreografias dos cultos aos orixás. O modo como ela organizou as roupas, os gestos e a dança produzem representações que revelam a valorização das culturas negras, sobretudo aspectos que envolvem a história de Anastácia atrelada ao enredo. Mesmo no caso das passistas impedidas de falar, seus corpos se expressavam, demonstrando consonância com o argumento de Leila da Silva Xavier e Stefano Motta (em *A decolonialidade do corpo negro nas telas*, 2018) de que a resistência negra se deu a partir do corpo, principalmente por meio da dança, da oralidade e da arte, apesar da violência colonial. Os autores nos apresentam exemplos de arte negra política e decolonial, buscando romper com a ideia de desumanização: parece possível que as passistas tenham buscado caminhar neste sentido, representando à Anastácia como um corpo feminino negro que resiste, sem diminuir suas dores ao passo que ressignificam o processo que a resumiu a uma máscara¹⁷.

Outro ponto relevante para análise é que no samba-enredo, assim como na vida do padre Wilson, encontra-se o respeito e valorização das religiões presentes no Morro da Caixa d'água. As comunidades de terreiro de Umbanda, por exemplo, estão homenageadas na coreografia das passistas que dançam para a orixá *Oxum*; afinal, a letra do samba-enredo traz “*Ora yeyeo, ora yeyeo*”, saudação a esta divindade que representa as águas doces, os rios e as cachoeiras, além da força para a vida e a maternidade. Estes elementos e seus significados aparecem no samba dançado pelas passistas e em suas interações com o público, se convertendo em um grande e único corpo pulsante; ao som do tambor, do chocalho e da cuíca, elas demonstram o sentir.

Isto posto, outros questionamentos emergiram: a narrativa pode ser uma denúncia? Existem outros movimentos em torno da narrativa a respeito de Anastácia? O carnaval pode ser considerado uma arte política? De acordo com Xavier e Motta (2018), a arte política com o corpo negro está relacionada à produção de discursos sobre si mesmo, pois se a respeito dos “africanos e seus descendentes foi historicamente produzido e difundido um discurso único, que criou estereótipos e

¹⁷ Algo interessante é que o Centro Cultural Escrava Anastácia tem ações que buscam trazer a importância de sua história e apresentar outros caminhos para a juventude negra da comunidade.

retirou a humanidade, é preciso outro discurso que diga mais sobre quem somos” (XAVIER; MOTTA, 2018, p. 42). Acredito que a intenção das passistas, assim como a do centro cultural e de outras organizações do movimento negro, é a de humanizar aquela mulher e trazer um discurso a partir de outros olhares que não o do colonizador.

Diante disso, ao analisar o desfile, percebo que nele existe a ideia de decolonialidade, pois há uma intenção de emancipação do ser por parte das passistas – no sentido de se reconhecerem como humanos e de quererem ser reconhecidos como tal. Refletida nesta ideia também está a luta pelo rompimento com os padrões de comportamento, uma crítica à colonialidade por uma mudança epistemológica. Entende-se, assim, que o carnaval pode auxiliar os modos para ressignificar sentidos e significados atribuídos às populações minorizadas, pois é um espaço onde “imagens, sons, gestos, expressões, interpretações, cores, volumes, cheiros, fazem parte do processo comunicacional e do processo artístico” (BARBOSA, 2017, p. 103), possibilitando a expressão dos diferentes modos de ser, ver, pensar e sentir o mundo a partir de corpos negros.

Para dar continuidade ao desfile e nele incluir a pluralidade, visibilizando as memórias, histórias e narrativas plurais das mulheres negras nas escolas de samba, apresento uma breve fala da Professora Jeruse Romão:

A escola de samba Dascuia¹⁸ esse ano (2020) [...] homenageou a professora Valdeonira e o refrão que levava a escola para cima era [cantando] “a educação faz um mundo melhor” e a Consulado¹⁹ saía com Antonieta de Barros, e eu saí nas duas escolas, uma que homenageava Antonieta e a outra Valdeonira, não só sair, mas participei do convite, preparação, e é interessante um ano com duas mulheres negras sendo homenageadas, o refrão de uma dialogava com a outra, parecia que conversavam. (ROMÃO, 2020)

Nascida em Florianópolis, a professora Jeruse Romão tem 61 anos e é a primeira filha de um casal composto por uma mãe professora normalista e músico da banda da polícia militar; possui graduação em Pedagogia pela UDESC (1983) e mestrado em Educação pela UFSC (2000); tem experiência na área de Educação e atua principalmente nos estudos sobre educação, teatro experimental do negro, ensino profissional, currículos e políticas educacionais. Inspiração para a pesquisa da qual o artigo faz parte, nos contemplou com essa fala em dezembro de 2020, da qual surgiu a ideia de entrelaçar as discussões sobre a indissociação entre teoria e prática a partir da sua trajetória de vida, relacionando-a com a minha proposta de estudo sobre as mulheres negras e as escolas de samba em Florianópolis. Em suas palavras, a professora expõe a importância dos sambas-enredos das escolas de samba Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Dascuia e Grêmio

¹⁸ Samba-enredo intitulado *Yalodes no Espelho de Oxum*, apresentado na avenida no ano 2020, escrito em 2019 pelos compositores Rafael Lima, Júlio Assis, Marquinho Beija Flor, Guto Biral, Jorge Maia, Leandro Balinha e Xandy Biral.

¹⁹ Samba-enredo intitulado *Lute como Antonieta*, os compositores desse samba são Conrado Laurindo, Edson do Tamborim, Fred Inspiração, Jean Leiria, Tabajara Ortiz, Wagner Amaral, Willian Tadeu e Wilson Silva, escreveram no ano de 2019.

Recreativo Escola de Samba Consulado, que trazem as vidas de Valdeonira da Silva dos Anjos e de Antonieta de Barros, entrelaçadas no campo da educação. Tais escolas de samba buscaram romper com o epistemicídio oriundo de conjunturas históricas violentas, apresentando as subjetividades dessas mulheres negras e possibilitando que todas as pessoas conhecessem a potência e a força feminina negra na cidade de Florianópolis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: DISPERSÃO²⁰

Chegamos na dispersão. A partir das entrevistas, do audiovisual e também dos sambas-enredos, podemos enfatizar que as mulheres negras estão presentes em todos os espaços e, aqui em especial, nas escolas de samba. Auxiliam na produção de conhecimento em torno da construção sócio histórica do Brasil apresentando suas trajetórias, memórias, oralidades e narrativas que podem ser consideradas contra hegemônicas.

Afirmo que não se pretendeu um esgotamento sobre o assunto, mesmo porque existem diversas possibilidades para explorar as ideias apresentadas neste texto. Finalizamos estas linhas pontuando a intenção deste trabalho em ser um indicativo para estudos referentes às mulheres negras e às escolas de samba em Florianópolis, buscando, a partir de uma perspectiva interseccional e de fontes documentais variadas, uma reflexão sobre o epistemicídio e sobre as possibilidades que histórias, memórias, narrativas e culturas plurais têm de romper com privilégios e violências epistêmicas.



Figura 7. Dona Geninha saindo da missa de aniversário aos 80 anos.
Fonte: acervo familiar da autora (2000).

²⁰ Dispersão é, ao mesmo tempo, o momento que encerra o desfile (comemoração do fim) e o começo do projeto carnavalesco para o ano seguinte.

Acima, dona Geninha acena para a câmera ao sair da missa comemorativa dos seus 80 anos, seguida de uma grande festa no salão. Esta imagem é um até logo, mas também significa um convite a começar, ou melhor, a somar na luta contra o racismo e viabilizar sujeitos e suas experiências na construção e no estudo da história do Brasil.

REFERÊNCIAS

Fontes

EMBAIXADA Copa Lord - Volta a Praça XV 2020. Gravação de Estúdio Móvel. *Youtube*, 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=nz_kWe9wexE. Acesso em: 19 nov. 2023

GABRIEL, Maria Eduarda. Entrevista concedida a Carol Lima de Carvalho, Florianópolis, 10 dez. 2021.

RAMOS, Tânia. Entrevista concedida a Carol Lima de Carvalho, Florianópolis, 13 dez. 2021.

ROMÃO, Jeruse. Entrevista concedida a Carol Lima de Carvalho, Florianópolis, 01 dez. 2020.

Sambas-enredos das escolas de samba Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Dascuia e Grêmio Recreativo Escola de Samba Consulado do ano de 2020.

BIBLIOGRAFIA

AIMÉ, Césaire. *Discurso sobre o colonialismo*. Lisboa: Sá da Costa, 1978.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
YA – LABORATÓRIO DE ESTUDOS PÓS-COLONIAIS E DECOLONIAIS. O Aya. *Aya Laboratório*, s. d. Disponível em: <https://ayalaboratorio.com/o-aya/>. Acesso em: 18 nov. 2023.

BARBOSA, Juliana dos Santos. Semioses do Carnaval: a construção de sentidos no projeto estético criador de Paulo Barros. *Signum*, Londrina, n. 20-22, p. 100-121, ago. 2017.

BILGE, Sirma; COLLINS, Patrícia Hill e. *Interseccionalidade*. São Paulo: Boitempo, 2021.

CANAIS do Youtube. *estudiomovel.com*, 2020. Disponível em: <https://www.estudiomovel.net/blog>. Acesso em: 18 nov. 2023.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. Tese (Doutorado em Educação). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.

_____. *Racismo, Sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2011.

DAMIÃO, C. Memória de Florianópolis – Doze, o clube social mais antigo do Estado. *NDmais*, 20 ago. 2016. Disponível em: <https://ndmais.com.br/noticias/memoria-de-florianopolis-doze-o-clube-social-mais-antigo-do-estado/>. Acesso em: 18 nov. 2023.

DASCUA. In: *Wikipédia: a enciclopédia livre*. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Dascua>. Acesso em: 18 nov. 2023.

DUARTE, Ulisses Corrêa. A Cultura Carnavalesca em Porto Alegre: o espetáculo, a retórica e a organização da festa. *Organizações & Sociedade*, Salvador, v. 20, n. 64, p. 165-182, jan. 2013.

EMBAIXADA Copa Lord - Volta a Praça XV 2020. Gravação de Estúdio Móvel. *Youtube*, 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=nz_kWe9wexE. Acesso em: 19 nov. 2023.

FONSECA, Christian Gonçalves Vidal da. *O Tambor que fala: Narrativas de Áfricas nos enredos carnavalescos do Rio de Janeiro (2003 a 2018)*. Dissertação (Mestrado em História). Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina, 2019.

GROSFOGUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. *Sociedade e Estado*, v. 31, n. 1, p. 25-49, abr. 2016.

hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação*. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LEITE, Willian Tadeu Melcher Jankovski. *Na tela da TV, no meio desse povo: os enredos das escolas de samba de Florianópolis no mercado de bens simbólicos*. Dissertação (Mestrado em História). Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina, 2017.

LEÓN, Christian. Imagem, mídias e telecolonialidade: rumo a uma crítica decolonial dos estudos visuais. *Epistemologias do Sul*, Foz do Iguaçu, v. 3, n. 1, p. 58-73, 2019.

MIÑOSO, Yuderlys Espinosa. Etnocentrismo y colonialidad en los feminismos Latinoamericanos: complicidades y consolidación de las hegemonías feministas en el espacio transnacional. *Revista Venezolana de Estudios de La Mujer*, v. 14, n. 33, p. 37-54, jul./dez. 2009.

MORAES, Rafael Ouriques Vasconcelos de. *O teu cabelo não nega: o negro no carnaval da cidade do Recife (1930-1939)*. Dissertação (Mestrado em História). Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2018.

OS PROTEGIDOS da Princesa. *Ritmos e Batucadas*, c2023. Disponível em: <https://www.ritmosebatucadas.com.br/as-baterias-das-escolas-de-samba-de-florianopolis/protegidos-da-princesa/>. Acesso em: 19 nov. 2023.

QUEIROZ, Martha Rosa Figueira. *Onde cultura é política: movimento negro, afoxés e maracatus no carnaval do Recife (1979-1995)*. Tese (Doutorado em História). Brasília: Universidade de Brasília, 2010.

REZENDE, Rafael Otávio Dias. *O negro nas narrativas das escolas de samba cariocas: um estudo de Kizomba (1988), Orfeu (1998), Candaces (2007) e Angola (2012)*. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), 2017.

SILVA, Francisco Carlos Cardoso da. *Construção e desconstrução de identidade racial em Salvador: MNU e Ilê Aiyê no combate ao racismo*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Campina Grande: Universidade Federal de Campina Grande, 2001.

SILVA, Zelia Lopes da. Batucadas, enredos e carnavalização. Os passos da Escola de Samba Nenê da Vila Matilde (1954-1967). *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v.8, n.18, p. 351-384, ago. 2016

_____. Mulheres negras nos carnavais paulistanos: quem são elas?. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 26, n. 2, p. 1-16, fev. 2018.

SOUZA, Grace Kelly Silva Sobral. *Mulheres negras e as relações de gênero: narrativas de construção da identidade de mulheres negras participantes do Bloco Afro Akomabu do Centro de Cultura Negra do Maranhão*. Dissertação (Mestrado em Educação). São Luís: Universidade Federal do Maranhão, 2017.

SRCS Embaixada Copa Lord. Página inicial. Florianópolis, s. d. *Facebook*: Copalord. Disponível em: <https://www.facebook.com/copalord/>. Acesso em: 18 nov. 2023.

VALENGA, D. Escolas de samba levam a resistência dos territórios negros à passarela em Florianópolis. *Catarinas*, 17 fev. 2023. Disponível em: <https://catarinas.info/escolas-de-samba-levam-a-resistencia-dos-territorios-negros-a-passarela-em-florianopolis/>. Acesso em: 18 nov. 2023.

VAZQUEZ, Rolando; BARRERA Contreras, Miriam. Aesthesis decolonial y los tiempos relacionales: entrevista a Rolando Vázquez. *Calle14*, Bogotá, v. 11, n. 18, p. 76-93, abr. 2016.

XAVIER, Leila da Silva; MOTTA, Stefano. A decolonialidade do corpo negro nas telas. *[Syn]thesis*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 35-43, jan./jun. 2018.